

# EGRESSAS DAS ESCOLAS NORMAIS ASSIS BRASIL E SÃO JOSÉ - PELOTAS/RS (1959-1963) – ASPECTOS DA FORMAÇÃO E DA ATUAÇÃO DOCENTE ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS

MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOUZADA<sup>1</sup>  
PROFA. DRA. GIANA LANGE DO AMARAL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – mcslouzada@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gianalangedoamaral@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Neste estudo de abordagem historiográfica, privilegiamos analisar aspectos da memória e das trajetórias de normalistas bem como, o início de suas inserções profissionais como jovens professoras primárias egressas de dois Cursos de Formação Docente existentes em Pelotas: Curso de Formação de Professores Primários do Colégio São José, instituição católica privada, e Curso de Formação de Professores Primários da Escola Normal Assis Brasil, instituição estadual de ensino público – durante o governo de Leonel Brizola, nos anos de 1959 até 1963.

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutoramento que faz parte da linha de Filosofia e História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, diretamente vinculado ao grupo de pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – CEIHE.

A pesquisa justifica-se por dar visibilidade à história da formação de professoras primárias e de suas práticas docentes entre as décadas de 1950 e 1960. Pretendemos contribuir com as investigações sobre instituições formadoras de docentes, tendo em vista o estudo das memórias e das práticas pedagógicas ocorridas em determinada época social e política.

Objetivamos analisar aspectos da trajetória e formação das normalistas egressas do São José e Assis Brasil. Investigamos o período de estudantes e as práticas docentes iniciais em escolas primárias do interior do Rio Grande do Sul, onde constituíram intensas experiências de vida como mulheres e professoras, durante o Governo de Leonel Brizola. Nesse contexto, verificamos se os contratos emergenciais adquiriam tanto um papel de experiência docente, como um status de desafio às normalistas, que ainda jovens eram submetidas a lecionar morando longe de suas famílias, em geral nas próprias escolas onde exerciam a docência.

A delimitação temporal da pesquisa compreende o final da década de 1950 e início da década de 1960. Esse período foi escolhido por fatores que marcaram a história educacional do Estado do Rio Grande do Sul. O gerenciamento da educação no Governo de Leonel Brizola, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), entre os anos de 1959 e 1963, tinha como lema “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul.

## 2. METODOLOGIA

Com isso, buscamos fundamentação no campo da Nova História Cultural mantendo um diálogo com autores que vão possibilitar o embasamento teórico necessário para melhor compreender a formação dessas professoras primárias.

Para a compreensão da memória como categoria de análise utilizamos os referenciais de Halbwachs (2006), Bosi (2004), Candau (2011), Burke (2005) e Chartier (2009). No que tange a História Oral cabe referir: Portelli (1997), Thompson (1992), Ferreira e Amado (1998) e Alberti (2005). Importante mencionar aqui as escritas de si, através de referenciais como os de Gomes (2004), Cunha (2007) e Perrot (2005).

Sobre trajetórias docentes e discentes, fundamentamos nossos argumentos em Abrahão (2006) e Fischer (2005 e 2011). As referidas autoras contribuem para as questões da História Biográfica, o questionamento das narrativas, explorando as memórias das trajetórias de algumas discentes/docentes então recém-formadas, as lembranças de suas práticas e inserção no ensino primário.

Uma importante fonte são as entrevistas com as egressas das Escolas Normais. Durante os meses de setembro de 2014 até julho de 2016 foram realizadas entrevistas com oito professoras ex-normalistas, quatro que se formaram na Escola Normal São José e quatro na Escola Normal Assis Brasil, sendo duas formadas em 1960 e duas formadas em 1961 em cada um dos educandários.

Na pesquisa histórica onde uma das fontes é a narrativa de quem vivenciou os acontecimentos, deve-se evitar analisá-los de forma isolada do contexto social em que os fatos ocorreram, levando em consideração o que, por vezes, parece estar oculto nos relatos orais. Outra fonte relevante são os acervos pessoais das entrevistadas onde encontramos imagens evocadoras da memória e escritas de si protegidas como verdadeiras relíquias. Dentre elas, tivemos contato com um diário íntimo relativo ao ano da formatura na Escola Normal e ao início da trajetória docente e um livro de poesias onde cada colega do curso deixava uma dedicatória. Segundo Cunha, 2007, p. 48:

[...] o diário pode ser um dos recursos mais importantes para a expressão, o cultivo e a auscultação do íntimo onde se pode guardar e velar aquilo que constitui uma das facetas mais preciosas da identidade que é a própria intimidade.

Para Gomes (2004), as mulheres por questões de convenções sociais, tiveram seus espaços fechados nas sociedades em que interagem, o que fez com que cultivassem um processo de escritas de si muito profícuo, e que tem servido para abastecer as pesquisas acadêmicas.

Percebe-se nas pesquisas que envolvem depoimentos de trajetórias docentes, através da história oral, que os referidos relatos, ao contemplarem as experiências vivenciadas nos tempos escolares, contam com a influência de um imaginário que muitas vezes manifesta-se como verdade absoluta, cabendo ao pesquisador apurar os fatos e avaliá-los através do que as fontes vão apontar.

Para Le Goff, as entrevistas são uma fonte de pesquisa que operam como um “documento-monumento”. Ao referir a relevância das entrevistas, Alberti (2005, p.184) comenta essa ideia,

[...] podemos dizer que a entrevista é produzida para ser monumento. Seu caráter intencional de perpetuação de uma memória sobre o passado fica patente já na escolha do entrevistado, como testemunha importante a ser ouvida. Esse caráter “monumental” é dado pelo próprio

pesquisador e em geral recebe a aprovação do entrevistado, que se sente honrado e satisfeito por estar sendo chamado a dar seu depoimento.

Na visão de Thompson (1992, p. 138), “se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”. Nesta tarefa, a memória é trabalhada como aquele conjunto de lembranças e recordações que são construídas amparadas no passado e que são recuperadas com as mais variadas atribuições que as vivências do tempo presente lhe conferem.

Acreditamos que o estudo de trajetórias de formação docente de décadas passadas, poderá auxiliar na constituição do conhecimento histórico sobre os processos inerentes à formação do professor que atua nos anos iniciais em Pelotas, RS.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificamos através da pesquisa que, assim que assumiu o cargo do executivo, em 31/01/1959, o governador Leonel Brizola, adotou medidas educacionais importantes, que atingiram significativamente as trajetórias profissionais das jovens que se formaram normalistas, como a imediata criação de escolas primárias e a contratação de professores para assumirem a docência primária.

Logo no início de seu governo, em decorrência dos primeiros dados apurados pela Secretaria de Educação como o alarmante índice de déficit escolar de 273.095 matrículas, calculado em 1959, “foi elaborado o Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário, tendo por meta a escolarização de todas as crianças entre os sete e os 14 anos e a erradicação do analfabetismo no Rio Grande do Sul” (BRAGA et al, 2014, p. 57).

Um dos pontos que destacamos nesta pesquisa, foi a definição de uma política de contratação de professores, para que fossem atingidos os objetivos propostos de erradicação do analfabetismo. Assim a previsão da política educacional era de contratação, por parte do Estado, de 23 mil professores até o ano de 1962 (BRAGA, et al, 2014).

Essas políticas educacionais implementadas no Governo de Leonel Brizola, a partir de 1959 possibilitaram a imediata inserção no mercado de trabalho das normalistas egressas dos Cursos de Formação de Professores Primários das Escolas Normais Assis Brasil e São José.

Destacamos que o lema “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul” inspirou uma verdadeira revolução no ensino gaúcho, com a instalação de centenas de escolas nas zonas rurais e urbanas de nossos municípios, educandários cujo funcionamento exigiu intensa contratação de professores primários durante tal período, muitos deles tendo sido destino das docentes recém formadas pelas Escolas Normais São José e Assis Brasil.

### 4. CONCLUSÕES

Sendo assim, concluímos que as mudanças no plano educacional do novo governo gaúcho interferiram na trajetória pessoal e profissional das ex-normalistas dos que se formaram, nos Cursos de Formação de Professoras

Primárias das Escolas Normais Assis Brasil e São José em Pelotas, entre 1959 e 1963.

Podemos dizer que, a partir das memórias analisadas, dos documentos escritos e da bibliografia consultada, as egressas do São José e Assis Brasil constituíram intensas experiências de vida como mulheres e professoras, durante o Governo de Leonel Brizola, atuando como educadoras primárias no interior do Rio Grande do Sul.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Prefácio: Historiando os CIPAs em seu acontecendo... um escrito à guisa de prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Autobiografias, Histórias de Vida e Formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BRAGA, Kenny; et al. **Leonel Brizola: Perfil, discursos, depoimentos (1922-2004)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, Projeto Memória do Parlamento, 1ª ed. 2004.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CORSETTI, Denise. A análise documental: um exemplo de pesquisa em História da Educação. **UNirevista** - v. 1, n. 1:, jan., 2006.
- CUNHA, Maria Tereza Santos. **Do Baú ao Arquivo**: escritas de si, escritas do outro. São Paulo, UNESP, FCLAs, CEDAP, v.3, n.1, p. 45-62, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes et. al. **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras**: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. (org). **Tempos de escola**: memórias. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- GOMES, Angela de Castro (org.). **Escritas de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, n.15, São Paulo: Ed. Educ da PUC/SP, 1997.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.